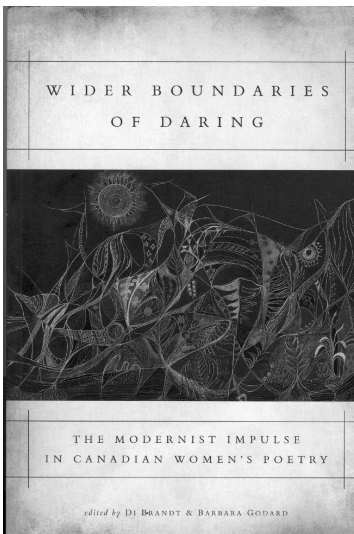


BRANDT, Di; GODARD, Barbara (Org.).
*Wider Boundaries of Daring: The Modernist
Impulse in Canadian Women's Poetry*. Waterloo,
ON: Wilfrid Laurier University Press, 2009. 417 p.

Miguel Nenevé



Em outubro de 2001, Barbara Godard, professora da York University, tradutora e estudiosa reconhecida internacionalmente nas áreas de teoria literária, estudos de tradução e estudos de gênero, organizou, com Di Brandt, poeta e orientadora de escrita criativa na Brandon University,

o congresso “Wider Boundaries of Daring: The Modernist Impulse in Canadian Women’s Poetry”. O evento teve lugar na Universidade de Windsor, em Ontário, no Canadá, e contou com uma exposição de pinturas da artista plástica e poeta P. K. Page – que assina a pintura *The Dance*, reproduzida na capa do livro, sob o nome artístico de P. K. Irwin. O nome do congresso tem origem em um poema de Dorothy Livesay, “We are alone”, em que ela pergunta: “in wider boundaries of daring, what the recompense might be?” (que recompensa pode haver nos limites mais amplos da ousadia?). A proposta do congresso era discutir o modernismo feminino no Canadá, principalmente na poesia. De certa forma, o evento foi uma homenagem a Dorothy Livesay e a P. K. Page, embora também outras poetas modernistas tenham sido debatidas. O livro, com o mesmo

título do congresso, é uma seleção de trabalhos apresentados naquela ocasião. Um critério para a seleção dos textos parece ter sido sua relação com os estudos de gênero na poesia modernista canadense. Outro requisito para sua aceitação parece ter sido a autoria feminina, uma vez que todos os ensaios do livro são escritos por mulheres, embora no congresso também tenham sido apresentados trabalhos de autoria masculina. Pode-se dizer, portanto, que o livro constitui um estudo do modernismo feminino no Canadá em uma perspectiva feminista.

A obra é dividida em duas partes: a primeira compõe-se de ensaios centrados em discussões sobre a “Construção do Modernismo Literário Canadense”; a segunda reúne ensaios que focalizam o “Modernismo Literário como Ato Cultural”.

O primeiro capítulo do livro, “Uma nova genealogia do modernismo literário canadense”, escrito por Di Brandt, constitui uma excelente introdução à coleção de ensaios. A autora procede a uma investigação profunda sobre a presença feminina no modernismo canadense e afirma que, com a publicação de *Wider Boundaries of Daring*, as escritoras esperam oferecer uma correção à maneira de contar a história literária canadense. Elas querem enfatizar a atuação e o legado das melhores poetisas modernistas, não em

separado, mas em conjunto, não como solitárias receptoras do modernismo, mas como suas produtoras. Assim, para Di Brandt, o livro divulga a contribuição de mulheres escritoras que foi capital “para o movimento que agora chamamos modernismo e avalia a produção cultural de nossas melhores escritoras de modo multifacial, coletivo e individual, biograficamente e criticamente” (p. 10).

O objetivo da discussão proposta no livro é colaborar para melhorar o entendimento da história cultural das mulheres e do movimento modernista. Além de Livesy e de Page, a obra aborda e discute outras poetisas canadenses que de algum modo foram importantes para a poesia modernista, mas que haviam sido negligenciadas pela crítica. Os estudos apresentados “complicam”, portanto, ou “dessimplificam” a visão do modernismo no Canadá. Parece haver consenso entre as autoras dos textos de que as poetisas canadenses modernistas tendem a favorecer uma relação com o mundo natural mais fluida e mais holística do que aquela que o modernismo masculino apregoa com sua exaltação das máquinas e do “mundo moderno”.

Verifica-se, por outro lado, que as discussões literárias enveredam para questões políticas relativas ao direito das mulheres e às suas atividades na sociedade,

entre outras. Ann Martin, por exemplo, afirma ser necessário investigar mais a fundo as origens do modernismo nos primeiros poemas de Livesay. Ela explora a relação de Dorothy Livesay com sua mãe, também poeta e ativista cultural, mas que, talvez por pertencer a outra geração e utilizar outra estética, não alcançou a mesma visibilidade que Dorothy.

Quanto ao papel de revistas na formação do modernismo canadense, Christine Kim assevera que muitas revistas favorecem uma visão tendenciosa, reveladora de interesses masculinos, centristas e nacionalistas, em vez de interesses mais cosmopolitas e universais.

Contrastando com a opinião de que as modernistas estavam pouco preocupadas com o cotidiano, evidencia-se que as poetisas focalizadas no livro eram ativistas culturais envolvidas no mundo político e intelectual. Importante contribuição nesse sentido foi dada por Pamela McCallum, ao lembrar que Dorothy Livesay participou do movimento comunista e que foi ardorosa crítica do racismo e da escravidão industrial americanos. Alguns dos ensaios mencionam a “visão tendenciosamente masculinista” que negligenciou poetisas canadenses modernas. Sandra Djwa, por exemplo, sustenta que P. K. Page não sofreu em Montreal influência significativa

do grupo *Preview*, formado por poetas homens, pois já chegara ao grupo com ideias e estilo próprios, assimilados em sua estada na Inglaterra. Ou seja, Page não veio ao grupo para ser ensinada por mentores masculinos (p. 78). Semelhante teoria é, por vezes, reiterada quando se abordam outras poetisas, como, por exemplo, Elizabeth Brewster. Bina Toledo Freiwald afirma que quem lê a poesia de Brewster pode se dar conta dos inúmeros riscos que as escritoras modernistas geralmente deviam correr em suas vidas e em suas letras. Além da questão de gênero, outra desvantagem que tiveram mulheres como Brewster e Anne Marriott foi o fato de terem escrito da margem, fora do “centro” representado por Ontário e Quebec.

Reforçando a afirmação de que as poetisas mulheres tiveram problemas para serem reconhecidas por causa do mundo machista, Peggy Kelly observa que a relação de Dorothy Livesay com a rádio CBC foi complicada por “tendências masculinistas e regionalistas”. Por sua vez, Jay MacPherson, poeta pouco divulgada entre os leitores brasileiros, também é apresentada como autora de poemas modernos e protofeministas, pouco identificada com a “perspectiva masculinista inserida nesta representação da mulher” (p. 325). Até Margaret Avison, que

não aborda questões de gênero, é tida como importante por “sua maneira de rejeitar o centro”, antecipando as principais preocupações teóricas do feminismo e do pós-colonialismo.

O último ensaio do livro, de autoria da italiana Elena Basile, traz um estudo sobre a tradução do poema “Compass Rose”, de P. K. Page, para o italiano, sob o título “Rose di Vento”. Basile observa que a tradução empobreceu o poema, que as metáforas imagistas foram reduzidas e masculinizadas e que as questões de gênero que o poema de Page sugere foram omitidas na versão para o italiano.

Wider Boundaries of Daring

constitui, portanto, uma excelente contribuição para os estudos de mulheres poetas canadenses e, mais amplamente, para a história e a evolução do modernismo. Para os estudiosos da literatura canadense, a obra vale como lembrete: no período modernista, as poetas canadenses não estavam dormindo, mas produzindo, o que contraria a crença de que os escritores masculinos tiveram a participação mais importante nesse movimento – pois um leitor pouco afeito à leitura de gênero poderia crer que a ideia predominante nos ensaios é a de que a visão masculinista dos críticos negligenciou o movimento das mulheres.